



## 15º Congresso Nacional de Iniciação Científica

**TÍTULO:** EMPECILHOS À AUTONOMIA DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NO CAPITALISMO FLEXÍVEL

**CATEGORIA:** CONCLUÍDO

**ÁREA:** CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

**SUBÁREA:** CIÊNCIAS SOCIAIS

**INSTITUIÇÃO:** UNIVERSIDADE DE UBERABA

**AUTOR(ES):** JHULLIAN BARBARA SILVA FERNANDES

**ORIENTADOR(ES):** SÁLUA CECÍLIO

Realização:



Apoio:



## Resumo

A partir da década de 1970 o mundo do trabalho tem sofrido reformulações no seu contexto e organização. No Brasil, as mais marcantes ocorreram na década de 1980 e originaram-se da reestruturação produtiva, marcada pela passagem do Fordismo para o Toyotismo. Nesse sentido, esta pesquisa trata do trabalho docente no capitalismo flexível e os empecilhos que os sistemas de produção atrelados à forma de organização do trabalho docente universitário acarretam à autonomia de professores. Para tal, são abordados os sistemas de produção Fordista e Toyotista e suas implicações para o trabalhador, a exemplo dos processos de alienação e controle da subjetividade. A metodologia baseou-se na pesquisa bibliográfica que compreendeu a busca de artigos, publicados em língua portuguesa entre 2010-2015, nos sites Portal de Periódicos CAPES e SciELO, além da consulta a livros de autores de referência na área de sociologia e sociologia do trabalho, como Castells, Harvey e Alves. Os resultados indicam que os agravos à autonomia docente existem tanto na forma de produção próxima ao fordismo, quanto ao do Toyotismo, entretanto sob configurações diferentes de espoliação do trabalho docente. Por outro lado, ambos os sistemas de produção têm por consequência dificultar a realização das atividades docentes de forma autônoma, independente e personalizada, tornando o trabalho docente alienado e penoso.

### 1. Introdução

A análise do trabalho requer sua contextualização no sistema capitalista que vem sofrendo transformações significativas desde a década de 1970. Estas transformações que estão relacionadas à reestruturação de acumulação de capital e organização do trabalho. Entretanto é necessário compreender algumas mudanças do cenário global a partir da década de 1960.

Em meados da década de 60, as grandes nações capitalistas e principalmente os Estados Unidos passavam por diversas dificuldades decorrentes de guerras, dentre elas mais especificamente a do Vietnã. O país acumulou muitos gastos e enviou muitos homens para a guerra, perdendo mão de obra importante para a produção capitalista, caracterizando vários problemas para o país sendo o mais significativo à queda da produtividade e da lucratividade das empresas. À época, o sistema de produção vigente era o fordismo que consiste em uma forma de gestão e produção em massa criado e utilizado por Henry Ford, em sua fábrica de carros (Ford Motor CO.), e posteriormente adaptada para fabricas de diversos setores. As atividades realizadas pelos trabalhadores são fragmentadas e simplificadas, não exigindo um grande tempo dedicado ao treinamento e à

formação. Os mesmos são dispostos próximos às linhas de montagens ou esteiras de fluxo contínuo e independente do ritmo de quem executa o trabalho. Esta forma de produção induz o trabalhador a realizar tarefas repetitivas, como, por exemplo, apertar um parafuso em várias peças diferentes que passam pela esteira. Assim a fábrica conseguia evitar o desperdício de tempo por parte dos trabalhadores e aumentar os lucros tanto com a produção em massa, quanto com o aproveitamento máximo da mão de obra. Outro fator agravante na crise do regime de produção vigente na época e conseqüentemente do capitalismo foi o aumento significativo da inflação e a diminuição do consumo em geral. Segundo Harvey (1993, p.135), uma dificuldade do fordismo em superar os desafios do capitalismo era a sua forma rígida de gerenciar seus processos de “investimentos de capital fixo de larga escala e de longo prazo em sistemas de produção em massa que impediam muita flexibilidade de planejamento e presumiam crescimento estável em mercados de consumos invariantes”. Ou seja, este regime de acumulação não estava preparado para uma diminuição brusca do consumo, pois tinham grandes estoques que ficaram saturados, quando houve uma queda da procura de mercadorias. A fim de amenizar os prejuízos, as grandes empresas procuravam as soluções na redução dos salários e dos poucos direitos dos trabalhadores, porém, se deparavam com grandes greves organizadas pelos próprios trabalhadores com objetivos em comum podendo ser, desde uma melhora na qualidade do processo de trabalho até o aumento da remuneração ou a preservação das vagas de trabalho. Estas greves nos EUA perduraram os anos de 1968-1972, mas as demissões em massa foram inevitáveis.

## 2. Objetivos

Esta pesquisa tem como objetivo verificar, analisar e problematizar a situação do trabalho docente frente às mudanças no mundo do trabalho originadas pela reestruturação produtiva além de identificar alguns empecilhos que estas transformações acarretam sobre a autonomia docente.

## 3. Metodologia

A metodologia da pesquisa foi pautada na bibliográfica desenvolvida “com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p.44). Este tipo de pesquisa possibilita ao investigador verificar amplamente as conceituações de vários autores em diferentes áreas do

país sem precisar estar fisicamente em cada situação favorecendo uma melhor compreensão da produção acerca do assunto. Para a constituição do presente trabalho foram selecionados artigos com recorte temporal dos últimos cinco anos (2010-2015) pesquisados nos sites de buscas Portal de Periódicos CAPES e no SciELO, utilizando de modo isolado e combinado os termos descritores: trabalho docente, trabalho imaterial, trabalho docente e capitalismo, trabalho docente e alienação, e organização do trabalho docente.

Os artigos científicos foram selecionados após uma leitura sistemática, visando sempre a pertinência temática e a relação com os objetivos do presente trabalho. Na tabela 1 verificam-se os sites de busca utilizados para a captação de artigos, assim como recorte temporal, as palavras utilizadas para a pesquisa e a quantidade de artigos encontrados para cada termo descritor.

Tabela 1 - Artigos encontrados nas bases de dados científicos

Filtros de busca	Termos descritores	Quantidade encontrada no site de busca SciELO	Quantidade encontrada no site de busca periódicos CAPES
Tipo de material: Artigo	Trabalho docente	298	628
	Trabalho imaterial	27	39
Idioma: português	Trabalho docente (AND) organização	35	246
Recorte temporal: 2010-2015	Trabalho docente (AND) características	24	247
	Trabalho docente (AND) tecnologias	8	128
	Trabalho docente (AND) capitalismo	2	19
	Trabalho docente (AND) alienação	4	12
	Docente (AND) ensino superior	99	346
	Docente (AND) atividades (AND) organização	35	246

Fonte: *Scientific Electronic Library Online* - SciELO e Portal de Periódicos CAPES

Verifica-se na tabela 1 que a quantidade de artigos encontrados referentes ao trabalho docente, docente (AND) ensino superior, trabalho docente (AND)

organização, trabalho docente (AND) características, e docente (AND) atividades (AND) organização é quantitativamente significativo. Ao retratar à docência a maioria dos artigos relacionam à problemática da formação e a constituição dos profissionais. Durante a leitura do material, observa-se também que a questão da docência no ensino superior em sua maioria é abordada de forma generalizada a todos os docentes desde o ensino básico ao superior.

No quesito saúde, os estudos predominantes são os relacionados a aspectos físicos e questões ergonômicas. Porém alguns autores como Dalagasperina, Monteiro, Mosquera, Stobäus (2014) Martins, Honório (2014), Lantheaume (2012), Timm (2010) e Gradella Júnior (2010) retratam a saúde psíquica e as suas implicações para o bem estar do docente. Encontram-se também uma diversidade de artigos que abordam o estresse laboral desta profissão, estando em destaque à síndrome de Burnout. Em relação à temática do trabalho docente e as implicações do capitalismo, a quantidade de artigos encontrados foram significativamente menor comparado aos relacionados à saúde do professor. Entretanto os artigos encontrados foram de extrema contribuição para esta pesquisa.

#### 4. Desenvolvimento

4.1 Reestruturação produtiva: Modos de produção e suas implicações para o trabalhador.

A partir da década de 70 em decorrência da instabilidade do mercado financeiro e a diminuição brusca do consumo, foram necessários uma reestruturação produtiva e um novo regime de acumulação que conseguissem atender toda a variável e complexa demanda mundial. Ou seja, é necessário identificar quais são as demandas globais e produzir de acordo com a necessidade momentânea, compreendendo que as mesmas têm características diferentes e em comum em cada região do cenário mundial e podem ser alteradas ou reformuladas a qualquer momento. O mercado global é sustentado e movimentado por núcleos globalizados que contêm “os mercados financeiros, o comércio internacional, a produção transacional até certo ponto, ciências e tecnologia, e mão-de-obra especializada” sendo que um dos componentes mais significativos do núcleo global são os mercados financeiros. (CASTELLS, 2007, p.142).

Um regime de acumulação representa a estabilização e a alocação de produtos de acordo com o seu consumo. A acumulação flexível decorreu justamente desta necessidade do capital em reconstituir sua base de produção, exploração da força de trabalho e acumulação de valor nas condições de uma crise crônica de sobre acumulação, impondo assim uma mobilidade adaptativa constante. (HARVEY,1993,p.140).Atualmente o novo complexo de reestruturação produtiva consiste no sistema Toyota de produção. Mas antes de aprofundar sobre o Toyotismo é necessário compreender as características do Fordismo.

O sistema Fordista de produção tem como principal característica a acumulação massiva de capital, além de exigir uma disponibilidade física extrema do trabalhador, necessitando principalmente de uma especialização funcional.

Diferente do Fordismo, o Toyotismo prioriza uma produção enxuta, ou seja, livre de desperdícios inclusive os de mão de obra já que o trabalhador precisa ser multifuncional além de dispor de seus atributos subjetivos para a realização do seu trabalho, como “conhecimento, capacidades, atitudes e valores” (ALVES, 2011, p. 113). O sistema Toyota de produção também tem como característica marcante a organização flexível, não somente do local de trabalho, mais de todas as formas de criar produtos e produzir. As empresas que trabalham sob os conceitos do Toyotismo priorizam a renovação progressiva, independente de o mercado estar sendo favorável ao seu produto ou não, pois existe uma necessidade em se adequar a todos os tipos de consumidores.

Enfim, o Toyotismo juntamente com as implicações do capitalismo tardio, impõem condições de total entrega ao trabalhador para que ele adira ao mercado de trabalho, exigindo uma dedicação de suas habilidades singulares e subjetivas, porém, “capturando-as” figurativamente sem que perceba, por meio de ideologias burguesas que fazem aparentar os interesses da classe dominante como se fossem os interesses coletivos. A disseminação de ideias são formas sutis e eficazes de manter a ordem social e a submissão dos trabalhadores, pois os mesmo acreditam ser verdade absoluta e igualitária tais conceitos, a meritocracia enquadra nestes ideais, por exemplo, o trabalhador acredita que trabalhando mais irá merecer ganhar mais, entretanto, os ganhos a mais não passam de fetiches ou sendo denominado de forma simplória ilusões, um exemplo são as participações dos lucros entre outras premiações. A entrega alienada da subjetividade por parte dos trabalhadores é o grande trunfo do sistema Toyota de produção, que lucra com

atributos subjetivos inegociáveis e que ainda não podem ser regulamentados nos órgãos trabalhistas e contratos de trabalho.

## 5. Resultados

Percebem que as várias instituições aderem aos sistemas de produção como organizadores do trabalho, as instituições universitárias também estão inseridas neste contexto. Segundo Nascimento, Vieira e Araujo (2012, p.847), a organização do trabalho baseia-se na disciplina, no controle, nas relações de poder, e na divisão do trabalho das atividades realizadas pelos trabalhadores, as formas de organização do trabalho esta relacionada a algum sistema de produção, sendo o mais utilizado no momento o sistema Toyota por ter em sua estrutura maior flexibilidade para com as exigências do mercado atual, embora algumas empresas ainda adotem o sistema fordista de produção. Em relação à autonomia dos docentes universitários percebem-se quantos ambos os sistemas de produção Fordista e Toyotista são nocivos.

As instituições universitárias que aderem ao sistema fordista como organizador do trabalho docente utilizam medidas externas de controle tais como as avaliações da qualidade do trabalho docente baseado nas notas dos discentes, a quantidade de trabalhos apresentados em congressos, ou artigos publicados, buscando na maioria dos casos uma produtividade quantificável, entretanto uma das formas de controle mais perceptível e o controle do tempo de trabalho sendo este cronometrado meticulosamente pelos relógios de ponto biométricos. Segundo Barrère (2013, p.290), quanto maior “essa extensão do domínio de controle mais se choca com a defesa de sua autonomia profissional”, portanto percebemos que as características rígidas do sistema fordista atrelado às instituições de ensino universitário impossibilitam para o docente que a realização de suas atividades seja prazerosa.

Por outro lado, o Toyotismo atrelado ao ensino universitário, demonstra características de flexibilidade e adaptabilidade em suas formas de atendimento aos discentes e organização do trabalho docente. Este sistema pode ser percebido como empecilho a autonomia docente quando “captura” não apenas do “fazer” e o “saber” do trabalhador, mas a sua disposição “intelectual-afetiva”. Entretanto a maioria dos professores não a percebem como negativa, mas

inconscientemente, mergulha no trabalho, entregando-lhe seus atributos subjetivos. Desta forma o controle interno do empregado esta em total posse do empregador. (ALVES, 2011, p.111)

Outra peculiaridade da forma flexível de atuação do capital no trabalho docente e a inovação constante para atender a demanda multifacetada e variável dos alunos. Para atender esta demanda o docente passa por duas vertentes no seu trabalho para uma boa, pois possibilita a criação e a inovação e outra ruim, pois exigem a criação e a inovação. Marx (1983, p.93) afirmava que quando houvesse uma exigência de quaisquer atividades esta se tornam não voluntária e conseqüentemente forçada para o trabalhador. Ao ser forçado o trabalho deixa de ser uma necessidade e transforma-se em um meio de satisfação de outras necessidades tornando exterior ao trabalhador e conseqüentemente alienado.

O trabalho exteriorizado, trabalho em que o homem se aliena a si mesmo, é um trabalho de sacrifício próprio, de mortificação. Por fim, o caráter exteriorizado do trabalho para o trabalhador é demonstrado por não ser o trabalho dele mesmo, mas trabalho para outrem, por no trabalho ele não se pertencer a si mesmo, mas sim a outra pessoa. (MARX, 1983, p.93).

Ou seja, o docente no capitalismo flexível tem a obrigação de ser versátil para atender a necessidade de outros podendo ser tanto os discentes quanto os gestores, portanto suas atividades são “atividades não-livres [...]a serviço e sob o jugo, coerção e domínio de outro homem” ( MARX, 1932,p. 93), dificultando, quando não impedindo o exercício da autonomia docente. Estas exigências de disponibilidade constante em sua maioria são inconscientes, e para os docentes são carregada de pressões psicológicas e tensões cotidianas que dificultam o exercício da sua profissão, além de tornar o trabalho do professor um trabalho alienado.

## 6. Considerações finais

Partindo do contexto da reformulação do capitalismo e da transformação das formas produtivas do Fordismo para as do Toyotismo, percebe-se o trabalho e do professor universitário margeado por vários desafios



a sua autonomia profissional. Em seus afazeres diários, por exemplo, devem integrar as atividades de ensino, pesquisa, e extensão. Entretanto são sobrecarregados por tensões oriundas não somente, mas principalmente da organização do seu trabalho, podendo este ser mais próximo às formas de organização do Fordismo ou do Toyotismo.

Do lado fordista os professores deparam com a rigidez de organização, e o controle extremo das suas ações e resultados. Na forma toyotista de organização do trabalho, os professores devem lidar com o excesso de exigências relacionado à inovação constante. Existe também, ainda no modelo toyotista de trabalho uma forma quase imperceptíveis, de apropriação da subjetividade. Portanto podemos dizer que as características da organização do trabalho docente são diferentes em ambos os sistemas de produção, mas todos interferem na prática autônoma do trabalho docente.

Estas características capitalistas são intensamente presentes no cenário do trabalhador brasileiro e no âmbito econômico do país, uma vez em que o mesmo terá dificuldades imensas em tentar viver fora destes sistemas de produção de capital, alguns autores como Alves (2013, p.59) apresentam baseado nas postulações marxistas à possibilidade de o trabalhador superar por si próprio o estado de alienação. Mas esta possibilidade ainda não muda a realidade do trabalho docente como sendo uma atividade alienada e penosa. Assim o trabalho docente torna-se alienado quando o trabalhador não se reconhece em suas atividades, quando sente desconfortável em realiza-las, e quando ele é pressionado a realizar varias tarefas, tais como a exigência em inovar. Ressaltando que a exigência de quaisquer formas relacionada ao trabalho torna-o forçado, e conseqüentemente árduo e penoso.

## 7. Fontes consultadas

ALVES, Giovanni. **Trabalho e subjetividade**: o espírito do Toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo editorial, 2011. p. 164.

Barrère, Anne. Controlar ou avaliar o trabalho docente? Estratégias dos diretores numa organização escolar híbrida. **Revista Brasileira de Educação** v. 18, n. 53, p.285-291, 2013.

CASTELLS, Manuel. A nova economia: informacionismo, globalização, funcionamento em rede. In: \_\_\_\_\_ . **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 2007. p.119-208.

DALAGASPERINA, P.; MONTEIRO, J.K. Preditores da síndrome de Burnout em docente de ensino privado. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 19, n. 2, p. 265-275, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRADELLA JUNIOR, O. Sofrimento psíquico e trabalho intelectual. **Cadernos de psicologia social do trabalho**, São Paulo, v.13, n.1, p. 133 – 148, 2010.

HARVEY, David. Parte II- A transformação politico-econômico do capitalismo do final do século XX. In: \_\_\_\_\_. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.p.115-184.

LANTHEAUME, F. Professores e dificuldades do ofício: preservação e reconstrução da dignidade profissional. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v.42, n. 146, p. 368 – 387 2012.

MARTINS, A. A. V.; HONÓRIO, L. C. Prazer e Sofrimento Docente em uma Instituição de Ensino Superior Privada em Minas Gerais. **o&s** , Salvador, v.21, n.68, p. 835-852, 2014.

MARX, Karl. Manuscritos Econômicos-Filosóficos. In: FROMM, Erich. **Conceito Marxista do Homem**. 8ª edição, Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

NASCIMENTO, E. L. A; VIEIRA, S.B ; ARAÚJO, A. J. S. Desafios da Gestão Coletiva da Atividade na Docência Universitária. **PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO**, 32 (4), p. 840-855, 2012.

TIMM, E. Z. ; MOSQUERA, J. J. M. ; STOBÄUS, C. D. O mal-estar na docência em tempos líquidos de modernidade. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. X , n. 3, p. 865-885, 2010